FELIPE BERLIM

PRA VOCÊ GUARDEI *o amor*

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

LICENÇA PARA O MINUTO DO COMERCIAL

Grassavam os anos cinquenta.

Arlene, nos seus dezoito aninhos, acabava de chegar do interior de Santa Catarina para a cidade grande. Teve sorte: conseguiu um trabalho de caixa em um mercadinho perto da pensão onde morava.

Aqueles olhos verdes de ascendência alemã chamaram a atenção no novo emprego. O que não faltava era paquera chata na fila do caixa.

— Não sabia que agora o bombom ficava aqui.

— Será que eu tô na padaria? Porque acho que encontrei um sonho.

— Com esse doce de leite, até esqueço da dieta.

Arlene podia ser bonita, mas também era bem espertinha, e logo aprendeu a se defender:

— Pé de moça tá em falta, mas tapa na cara tá sobrando.

Então foi com algum susto que um fotógrafo descobriu aquela beldade – um tanto indomada – no mercadinho do bairro. Quase leva mesmo um tapa ao convidá-la para uma sessão de fotos de uma campanha de publicidade.

Arlene não gostou muito. Era moça direita. Que história de sessão de fotos era essa? As colegas da pensão quiseram lhe fazer a cabeça:

— Vai que você fica famosa?

Arlene era tudo, mas não era boba. Pensou foi logo no dinheiro. Quem sabe já pagava um mês de pensão. Já valia a pena.

Se convenceu.

No dia das fotos, viu aquela fila de modelos esperando a vez. Quase foi embora! Por certo não tinha chance. Antes que pudesse se levantar, o fotógrafo chamou seu nome.

O figurino era o mesmo para todas as modelos: um vestido rendado, um sapatinho preto com meia alta, o cabelo preso em um coque e – muito estranho – tinha que segurar um balde d'água na cabeça.

Ficou linda! Perfeita! Parecia uma camponesa alemã!

Foi dessa forma que Arlene se tornou, nada mais, nada menos, que a garota da lata do Leite Moça.

As donas de casa ficaram afoitas com aquele novo produto. Leite condensado! Na latinha! Tão prático!

Mas algumas, mais carolas, se enciumavam um tanto daquela moça solteira no rótulo.

Já os homens ficavam doidinhos. Aquela garota, naquele vestidinho, com ar de ingênua... Era um verdadeiro fetiche.

Começaram a chover cartas para a Nestlé. Até proposta de casamento pintou para Arlene!

Ela começou a se sentir incomodada. Era moça de família. Ali, exposta, solteira...

Até a mãe de Arlene escreveu à filha. Dizia que na sua casa não entrava mais leite condensado. Ora, onde já se viu?...

Mas Arlene, tão jovem, já era bem independente.

Depois de algum tempo de flerte, à moda antiga, começou a namorar o fotógrafo que a descobriu, cujo nome era Homero.

Os tempos estavam mudando. No rádio, começava a tocar a Jovem Guarda, e Roberto Carlos dirigia um carro vermelho sem espelho para se pentear.

Arlene, em um arroubo de modernidade, foi morar junto com Homero. Só ela e ele, sem papel passado, seguindo suas próprias regras.

A mãe reprovou, claro, mas Arlene rompeu com ela e foi viver o seu amor.

Por fim, Homero arranjou um novo trabalho para Arlene. A publicidade precisava de uma nova imagem para a mulher moderna e dona da própria vida que despontava.

Arlene pintou o cabelo, fez um corte assim com uma franjinha, vestiu um pulôver.

Tornou-se a escolhida para ser a garota dos palitos Gina.

Os palitos Gina iam muito além de palitar os dentes. Era o típico produto para a nova mulher: ajudavam no seu *happy-hour* com as colegas de trabalho, na hora de convidar a turma do fim de semana para uma pizza, ou para ajudar a colocar a azeitona na bebida do seu amor à beira da piscina.

Essa era a mulher de Gina!

Muito feliz, Arlene continuou seu trabalho por muitos anos. Foi mãe de família em lata de cereal, esportista em caixa de leite, e – em um momento de necessidade – foi o rótulo da aguardente Chora Rita.

Esse último trabalho, na verdade, lhe abriu portas. Com quase quarenta anos, já estava perdendo um pouco da beleza que lhe fizera a fama, apesar de ter a mesma personalidade marcante de antes.

Além disso, naquela época, o país já tinha saído da liberação de costumes e caído no puro desbunde, ao som da discoteca.

Arlene virou por isso mais uma vez a mulher do momento, no rótulo da Catuaba Selvagem.

Aquela imagem de rainha bárbara colocou Arlene outra vez no centro das atenções.

De repente, Arlene sentiu-se mal. Não tinha ido um pouco longe demais? A fama subido à cabeça? Ver agora a sua imagem em qualquer bar, à mão de qualquer boêmio...

No auge, Arlene abandonou tudo e deixou Homero. Voltou para o interior de Santa Catarina. Virou evangélica e casou-se com um bom partido: um gerente do Banco do Brasil.

Agora, após tantos anos, Arlene já está velhinha. Hoje em dia tem uma vida tranquila, com filhos e netos, aposentada do *glamour* de outrora.

Às vezes bate uma saudade. Nessas horas, Arlene, escondida, compra uma lata de Leite Moça na esquina. Fica no quarto sozinha, olhando-a horas a fio, a suspirar por aquela garota tão cheia de vida.

Também não sabe como contar para o marido que ligaram de novo pra ela.

Chamaram-na para ser a nova face da lata de aveia Quaker.

NOS TEMPOS DO IÊ-IÊ-IÊ

Sebastiana morava com a mãe viúva na Vila do IAPI, no Núcleo Bandeirante. Haviam migrado há poucos anos da Paraíba, logo depois da inauguração da nova capital.

A adolescente não tinha muita coisa pra fazer na vila, a não ser dançar nos bailinhos ao ritmo da Jovem Guarda, quando ia com a melhor amiga, a Maria do Socorro.

Lá ela suspirava com o Claudinho, o broto que morava na rua de cima. Ele tocava Elvis Presley no violão e usava uma calça apertada e um topete com brilhantina, para ficar parecido com seu ídolo.

Mas o Claudinho não dava a menor bola para a Sebastiana.

A outra distração das duas amigas era ouvir a programação jovem da Rádio Nacional. Mandavam cartas para o seu ídolo, o locutor Jorge Bandolim. Maria do Socorro gostava de pedir as músicas do Roberto Carlos, e assinava: "Abraços, *Mary of Help*".

Já Sebastiana era mais criativa, e era fã da Rita Pavone. Por isso, Sebastiana Ferreira nas cartas virava... *Francesca Pasquali*.

Um dia chegou na casa de Sebastiana uma carta da Rádio Nacional. Chamavam-na para conhecer a rádio por dentro! Quer dizer, ela não... a *Francesca*.

De noite, ela teve um sonho com o seu ídolo da rádio.

Nele, ela conhecia o dono daquela voz grave tão charmosa. Imaginava um rapaz com vinte anos, um topete escuro, os olhos amendoados. Ele a pegava nos braços, e o coração de Sebastiana batia cada vez mais rápido.

Sua mãe a acordou na melhor parte do sonho, para a tristeza da garota, que nem sequer pôde beijá-lo.

O que Sebastiana não sabia era que o tal Jorge Bandolim também andava suspirando pela sua *Francesca*.

Quando via aquela carta assinada pela *Mary of Help*, dava risada. Era óbvio que era uma Maria do Socorro quem escrevia. Mas *Francesca*... A carta vinha lá da Vila do IAPI, mas quem sabe não tinha mesmo uma italiana *daquelas* por lá?

Imaginava uma Sophia Loren, uma Gina Lolobrigida...

Naquela manhã, antes de ir para a rádio, Jorge foi na rodoviária pegar o filho, o Henrique, que vinha da faculdade, do Rio de Janeiro. Era o seu orgulho! Vinte anos e fazendo engenharia.

O ônibus do filho atrasou. Logo soube que ele tinha quebrado no caminho. Esperou até o início da tarde. Nada.

O que faria agora? Jorge precisava correr logo para a rádio. Tinha hora para entrar no ar. Ligou numa cabine telefônica para um locutor amigo, que talvez pudesse substituí-lo. Mas o amigo estava doente.

Por fim, resolveu ir ele mesmo para o trabalho. O filho conhecia a vida atribulada do pai. Qualquer coisa, pegava um táxi: tinha a chave de casa.

Assim que chegou na rádio, Jorge começou a apresentar o programa, esperando ansioso a tal beldade italiana.

A beldade logo chegou. No intervalo avisaram: "Jorge, a *Francesca* tá aí."

Quando Jorge saiu do estúdio e foi para o corredor, viu uma moça com a pele morena e cabelos crespos com uma garota adolescente sorridente ao seu lado. Italiana a moça não devia ser, mas era bonita.

Perguntou à mulher se era ela a *Francesca* mas, na verdade, a *Francesca* era a filha!

Uma menina magrela, de pernas finas, com não mais de quatorze anos!

Sebastiana também tomou um susto. *Aquele* era o Jorge Bandolim? Baixinho, barrigudo e careca? Ele era tão velho, podia ser seu pai! Ah, não!

Jorge, refeito do susto, foi muito educado com a garota e com a mãe dela. Mostrou às duas toda a rádio, e até deixou Sebastiana sentar no estúdio, em frente ao microfone.

Enquanto a menina se maravilhava com tudo, começou a rolar um clima entre sua mãe e o Jorge.

Por fim, despediram-se na saída. Sebastiana até se esqueceu da decepção com o locutor – afinal, o passeio tinha sido o máximo. Imagina o que não ia contar de vantagem para a patota lá da Vila!

Já entre Jorge e Vitória – o nome da mãe de Sebastiana – houve um doce silêncio, e sorrisos envergonhados. Jorge deu a ela seu telefone, e prometeram se encontrar de novo.

Antes que elas se fossem, chegou o filho de Jorge Bandolim: estava de mala em punho, recém-chegado da viagem.

Era um belo jovem de vinte anos. Jorge correu até ele, pegou a mala para si, e apresentou o rapaz às duas:

— Este é meu filho, Henrique. Ele veio hoje a Brasília para passar o feriado comigo.

Quando Sebastiana e Henrique se cumprimentaram, olharam um nos olhos do outro. Sorriram tímidos.

Naquele feriado, Jorge pediu Vitória em namoro. No mesmo dia, Sebastiana e Henrique deram seu primeiro beijo, prometendo se reencontrar nas férias.

A garota não só encontrou seu primeiro amor, mas também um padrasto carinhoso.

Sentiu ainda um certo gostinho de vingança.

Porque desde que ela começou a namorar, o Claudinho (aquele da rua de cima) parou de imitar o Elvis Presley, pois quer parecer mais adulto. Também não para de passar em frente à casa de Sebastiana. Agora é ele quem fica suspirando por ela.

Este livro foi composto em Fournier MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em janeiro de 2020.